

ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO REBELO
(Coordenação)

**HOMENAGEM AO PROF. DOUTOR
FRANCISCO JOSÉ DE SOUSA GOMES**

COIMBRA – 2019

FICHA TÉCNICA

Título: HOMENAGEM AO PROF. DOUTOR FRANCISCO JOSÉ DE SOUSA GOMES

Autores: António Araújo; António Manuel Ribeiro Rebelo; J. Simões Redinha;
D. João Lavrador e Manuel Braga da Cruz

Coordenação: António Manuel Ribeiro Rebelo

Edição: Confraria da Rainha Santa Isabel

Composição: José Luís Santos

Capa: Hugo Rios

Impressão: ARTIPOL – Artes Tipográficas, Lda.

www.artipol.net

Tiragem: 200 exemplares

Local e data: Coimbra, Janeiro de 2019

Depósito Legal N.º: 452112/19

**A EXCEPCIONAL IMPORTÂNCIA DA ACÇÃO DO
PROF. DOUTOR SOUSA GOMES NA
PRESIDÊNCIA DA CONFRARIA DA RAINHA SANTA ISABEL**

Há um ano iniciávamos as celebrações dos 450 anos da fundação da Confraria da Rainha Santa Isabel. Encerramos este ciclo recordando um dos seus maiores Presidentes.

Ao longo da sua História, a Confraria conheceu vários altos e baixos. Depois das lutas liberais, esteve praticamente inactiva entre 1832 e 1852. Em Julho de 1852, o Doutor António José de Freitas Honorato, lente da Fac. de Teologia e ministro da Ordem Terceira de S. Francisco restaurou a Confraria e a ela ficou a presidir até ascender ao episcopado, primeiro como Arcebispo de Mitilene, depois como Arcebispo Primaz de Braga. Sucederam-lhe na Presidência da Mesa dois lentes de Teologia, antes de, em 16 de Março de 1890, ser eleito como Juiz da Confraria o Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos. Este professor, também de Teologia, conferiu renovada dinâmica à actividade desta instituição, dando prioridade à actualização do Compromisso; reestruturou a administração, pôs em ordem a contabilidade, reorganizou o arquivo, recuperou a liturgia, protegeu as alfaias litúrgicas e as peças de grande valor museológico e imprimiu outro fulgor e uma dimensão nacional às festividades da Rainha Santa.

É o próprio que relata a situação decadente em que encontrou a Confraria:

a corporação, que noutros tempos reunira no seu seio quantas pessoas de prestígio havia em Coimbra, decaíra imenso; estava prestes a desaparecer, quando nos rogaram que nos deixássemos eger, *para a salvar!*

Aproveitei pois a ocasião para reorganizar, em moldes aceitáveis e modernos, a velha instituição, e fazer ingressar nela as pessoas de maior valor e representação de

Coimbra. Assim se iriam preparando as cousas, para a Confraria da Rainha-Santa Isabel, renovada e formando um organismo robusto e sério, poder, na ocasião da próxima extinção do Convento, apresentar-se como herdeira natural e legítima do papel até agora representado por este, na manutenção do templo e do culto da Rainha-Santa, na guarda do seu Corpo sagrado¹.



Representação da Real Confraria
da Rainha Santa Isabel, de
Coimbra, a Sua Magestade
El-Rei.

—1—

SENHOR !

Nos suburbios d'esta cidade existe o mosteiro de Santa Clara, edificio bello e grandioso, outr'ora povoado de freiras franciscanas, mas hoje possuido apenas por uma religiosa inferma e de idade avancada, para elle transferida do extinto convento de Sandelgas:

Este edificio, de construcção magnifica e solida, situado n'um dos melhores locais das proximidades de Coimbra, tem anexo um templo magestoso, rico de preciosidades artisticas de talha e de esculptura, representa-nos tradições historicas as mais gloriosas e, finalmente, conserva o deposito venerando do corpo incorrupto da santa esposa de el-rei D. Diniz, protectora d'esta cidade, e objecto dos mais sympathicos cultos e devoções, não só dos habitantes de Coimbra e seus arredores, mas dos povos de todo o paiz, que em piedosa romaria concorrem aos milhares para tomarem parte nas festas que em honra d'ella aqui se celebram periodicamente. Tudo isto são titulos que tornam esta casa recommendavel e digna de ser conservada.

A nação a que pertencemos, comquanto pequena em territorio e riqueza material, é grande entre as maiores em tradições e glorias immorredoras. E' necessario velar por esta preciosa herança de tradições, e impedir que se apaguem n'este paiz os vestigios que ainda restam da pristina gloria e grandeza, e os padrões da fé que alentava os nossos maiores.

Página inicial da petição a Sua Magestade.

(Copiador de correspondência da Real Confraria da Rainha Santa Isabel, liv.2 - fl.18^o).

¹ António de Vasconcelos, "Doutor Francisco José de Sousa Gomes. A sua benemerência na administração da Confraria da Rainha-Santa Isabel" *Estudos* 9 (1931) 453-479.

Efectivamente, depois da extinção dos conventos e ordens religiosas, decretada em 1834, o número de religiosos foi diminuindo drasticamente. Em 1886 falecia a última freira do Mosteiro de Santa Clara. Residia ainda no Cenóbio uma freira Clarissa a última sobrevivente do Mosteiro de Sandelgas. E só esse facto impedia a execução de um decreto de 1889 confiando o edifício, com excepção da igreja, ao Ministério da Guerra.

Naquele tempo, nem a igreja, nem os coros, que guardavam o túmulo da sua excelsa padroeira, pertenciam à Confraria. Esta só dispunha, para o seu serviço litúrgico, do altar que ainda hoje se encontra diante da porta e onde está representado o milagre de Alenquer.

Todavia, ao fazer uma visita de cortesia à Madre Abadessa, logo ali o Doutor Vasconcelos viu que ia ter a triste sina de assistir, durante a sua gerência, à extinção do Mosteiro. “Por isso, relatou ele, cuidámos logo de ir dispendo as cousas para, quando se desse o desenlace, que era fatal e estava próximo, nos encontrarmos em condições de conjurar a tempestade, que era certa, e de salvar do naufrágio o túmulo da Rainha Santa, o seu templo, e o seu culto”.

Apenas dois meses depois de ter sido eleito Juiz da Confraria, circulam rumores sobre interesses de alguns políticos em promover a venda do Mosteiro e das casas da Hospedaria e do Capelão, para depois as adquirirem para si. Perante a iminência da morte da Madre Abadessa e da ameaça que pairava sobre os destinos do Mosteiro, o Doutor Vasconcelos organiza com urgência uma representação ao Rei D. Carlos por intermédio do Dr. Francisco de Castro Mattoso da Silva Corte-Real, deputado pelo círculo de Coimbra, pedindo a concessão do edifício do real mosteiro de Santa Clara, com sua igreja e anexos, para que a Confraria tome posse de tudo por morte da única religiosa ainda viva e ali estabeleça um recolhimento para senhoras viúvas e solteiras, honestas e desamparadas, e cumulativamente um colégio para meninas de famílias remediadas que não possam aproveitar-se da educação mais dispendiosa de outros colégios². Seguem cópias para outros deputados e Pares do Reino eleitos pelo mesmo círculo e aos dois pares da Universidade eleitos pelo colégio eleitoral dos estabelecimentos científicos, solicitando a melhor cooperação para se obter despacho favorável às

² E acrescenta que “Até nada obsta a que se abra uma classe gratuita para meninas pobres externas da freguesia em que se acha o convento”. Já nessa altura, germinava no espírito do Doutor Vasconcelos uma ideia que só viria a ser concretizada mais de três décadas depois, com a criação do Refúgio, a actual Casa de Formação Cristã da Rainha Santa.

pretensões da Confraria. Assinam o documento 136 cidadãos dos mais ilustres da Universidade, comércio e indústria de Coimbra, e mais não foram por força da urgência em remeter para Lisboa o referido documento. Entre os 29 Lentes da Universidade encontra-se a assinatura do lente de Filosofia Doutor Francisco José de Sousa Gomes. A pronta reacção surtiu o efeito desejado: nunca mais se ouviu falar da venda do Mosteiro. Mas os Mesários da Confraria não podiam descansar: “Outras tentativas de assalto – refere o Doutor Vasconcelos –, tramadas na sombra, se descobriram a tempo, e foram oportunamente repelidas; e algumas delas... vindas, donde menos podia esperar-se”.

Eleito em Março de 1890, o Doutor Vasconcelos reforma o Compromisso da Confraria que é homologado pelo Bispo-Conde no dia 20 de Abril de 1891. Ouçamos as impressões pela boca do próprio Doutor Vasconcelos:

Em breve a Confraria apareceu honrada com a inscrição dos nomes de maior autoridade, prestígio e representação das diversas classes sociais. [...] Faltava agora completar a reforma, renovando a Mesa administrativa.

Organizou-se a lista, que foi proposta aos sufrágios dos Confrades. [...]

Para Presidente não houve meio de evitar que fosse proposto o ínfimo dos Confrades; mas sendo, como fui, obrigado a transigir com esta infeliz escolha, pus entretanto uma condição - ficar 1.º Conselheiro o Doutor Francisco José de Sousa Gomes, lente da Faculdade de Filosofia na Universidade, e 2.º Conselheiro o Cónego Gaspar Alves de Frias de Essa Ribeiro, professor do Liceu central de Coimbra. Ambos muito activos, ambos muito experimentados, ambos dispendo de grande prestígio, eram um e outro muito meus amigos; com a sua lealdade e dedicação eu contava inteiramente [...].

Foi uma ideia felicíssima a que ditou esta dupla escolha, como os acontecimentos depois se encarregaram de demonstrar.

Realizou-se o acto eleitoral a 7 de Junho de 1891³, e foi extremamente concorrido. Então se viu, com geral surpresa, quão grande transformação havia sofrido a Confraria da Rainha Santa. Uma assembleia brilhante, onde se contavam os maiores valores de Coimbra em todas as classes, elegeu a Mesa proposta, sem opposição alguma.⁴

³ O Doutor Vasconcelos marca eleições da Mesa segundo o novo Compromisso para o dia 7 de Junho, na sala das sessões da Mesa da Santa Casa da Misericórdia, por a Confraria não dispor de “casa onde possa comodamente proceder-se àquelle acto”.

⁴ *Idem, Ibidem.*

Todavia, a última religiosa acaba por falecer três dias depois das eleições. Nesse mesmo dia 10 de Junho, seguem extensas missivas para Sua Majestade, insistindo no pedido anteriormente apresentado, e para o Dr. Castro Mattoso, solicitando a sua intermediação pessoal e urgente para o bom êxito dessa causa.

No dia 29 de Junho, o ainda Juiz da Confraria comunica ao Doutor Sousa Gomes a sua eleição para a Mesa da Confraria e marca o acto de posse e juramento para o dia seguinte no templo de Santa Cruz. O Doutor Sousa Gomes passa a ser o braço direito do agora Presidente da Mesa da Confraria.

Ninguém melhor que o Doutor Vasconcelos para retratar aquele que foi o seu grande colaborador em mais um renascimento da Confraria:

Tive nesse biénio sempre ao meu lado o Doutor Sousa Gomes, que era, sem vislumbres de dúvida, a figura primacial da Mesa; sem ele não poderia ter-se feito o muito que nesse tempo crítico, de constantes apreensões, de ataques de surpresa, de saltos imprevistos de aves de rapina ou de tigres famintos, que queriam apossar-se do espólio do Convento, e dos próprios edifícios, sem exclusão da igreja.

Com quanto prazer espiritual, com quanta satisfação eu dou testemunho dos serviços importantíssimos, que durante esses dois anos, os mais críticos da vida da Confraria, o Dr. Sousa Gomes lhe prestou! Sem êle, tudo se perderia, provavelmente.

O Doutor Francisco José de Sousa Gomes era verdadeiramente um homem: carácter firme, inteligência viva e pronta, vontade de aço, fé sólida e esclarecida, devotado de alma e coração à causa de Deus, à causa da Igreja.

Não havia óbices que o detivessem, ameaças ou receios que o fizessem tergiversar, lutas que o não encontrassem sempre firme no seu posto, de lança em riste, pronto a combater os bons combates.

[...]

No seu trato íntimo, Sousa Gomes era bondoso, duma bondade franca, aberta, leal; sempre pronto a acolher um amigo, um desconhecido, e até um inimigo, que se lhe dirigisse a pedir um conselho, um favor, um auxílio, ou um perdão para erros passados. Que alegria, que satisfação a sua, quando podia ser prestável!

Era um verdadeiro Santo, dessa santidade sã, feita de caridade, de justiça, de sinceridade e de verdade – a santidade do Evangelho. Nunca da sua boca saiu uma mentira, nunca no seu coração se albergou um ódio, jamais no seu trato se insinuou uma dissimulação.

Rude, por vezes violento, quando a víbora da calúnia procurava ferir traiçoeiramente, vilmente, a reputação de qualquer pessoa, que ele considerava inocente, não conhecia em tais circunstâncias os conselhos duma falsa prudência, que manda fechar

os olhos e os ouvidos. O aforismo francês – *laissez faire, laissez passer* – não o conhecia ele, não o queria conhecer. Inimigo irreconciliável e intransigente da hipocrisia, repelia indignadamente, violentamente, tão repugnante vício, que já fora invejado com aspereza por Nosso Senhor, nas pessoas dos fariseus. [...]

A sua dedicação não tinha limites.

Desde que se convenceu de que era necessário erguer a Confraria da Rainha Santa, e colocá-la em condições de suprir, quanto possível, a falta do Mosteiro de Sta Clara, tomando sobre si o encargo de manter o culto da santa Rainha, e fazer do seu templo um centro de piedade, donde irradiasse fogo de amor de Deus e de amor do próximo para a cidade de Coimbra e para todo o país, meteu ombros a esta empresa, e não mais descansou.

Fez o que ninguém mais faria, o que ninguém mais poderia fazer.⁵

No dia 2 de maio de 1892, numa petição ao Rei D. Carlos, a Mesa avança pela primeira vez para a posse das casas e hospedaria:

Senhor!

A Real Confraria da Rainha Santa Izabel, erecta na Igreja do extinto mosteiro de Sta Clara d'esta cidade, é a unica corporação que hoje tem a seu cargo o culto da caritativa esposa de el-Rei D. Dinis, glorioza Avó de Vossa Majestade, cujo corpo se acha depositado na mesma Igreja.

Esta antiga e nobre Confraria, na qual se têm alistado os Senhores Reis d'estes Reinos, e que Vossa Majestade se dignou tomar sob sua alta Protecção, tem um capellão privativo, a quem impende o onus de celebrar missa na mencionada Igreja, velar pela sua limpeza e decencia, responsabilizar-se pela guarda e conservação das alfaias da Confraria e pelas ofertas que os fieis vão depôr junto do altar da santa Rainha, etc.

Para desempenhar estas funções, é indispensavel que alli resida, como até hoje tem residido, n'uma casa contigua à Igreja, com serventia interna para o pateo da mesma, a qual sempre foi habitada pelo capellão do convento, que tambem o é da Confraria.

Despedir o capellão d'esta casa será o mesmo que collocar a Irmandade na impossibilidade de continuar a manter o culto n'aquella Igreja, e terá de se fechar este sumptuoso templo, onde estão as santas Reliquias da Protectora de Coimbra. Isto constituiria motivo de grande desgosto e pezar para esta cidade.

⁵ *Idem, Ibidem.*

Alem disso, a Real Confraria da Rainha Santa Isabel, se tal facto se realisa, não terá casa onde conserve depositadas as suas importantes alfaias do culto da santa Rainha, nem os livros e documentos do seu archivo.

Junto à casa de residencia do capellão há outra casa, que internamente comunica com aquella; é conhecida pela denominação de “Casa d’hospicio”. Tambem era o capellão que se achava na posse d’ella. É perfeitamente apropriada à guarda das alfaias e papeis da Confraria da Rainha Santa.

Enquanto existiu o convento, eram as religiosas que se prestavam a conservar em deposito aquellesobjectos; pela extincção do mosteiro foi encarregado d’esta guarda o capellão da Confraria, que o fora tambem do convento: agora, sendo o capellão desapossado d’aquellas casas, não terá esta benemerita corporação local algum onde os conserve, a não ser que os retire para longe da Egreja, o que é muito inconveniente e prejudicial, carecendo, alem disso de rendimentos sufficientes para pagar renda de casa que alugasse para tal fim.

Por isso a Mesa gerente da Real Confraria da Rainha Santa Isabel vem perante Vossa Majestade pedir respeitosa e humildemente que lhe seja feita concessão das casas contiguas à Egreja do extincto convento de Santa Clara e que serviam de residencia ao capellão do mesmo convento e de hospicio para os fins acima expostos.

*E. R. Mcê (seguem-se as assignaturas)
Coimbra 2 de Maio de 1892.⁶*

Estas diligências só serão concluídas com êxito pelo Doutor Sousa Gomes cinco anos mais tarde.

Efectivamente, a 17 de Fevereiro de 1897, o Presidente da Mesa escreve novamente a Sua Majestade, suplicando que sejam concedidas à Confraria “as casas denominadas do hospicio, da hospedaria e do corredor e que pertenciam ao extincto convento de religiosas franciscanas de Santa Clara”. Justifica Sousa Gomes que “Há mais de tres seculos que esta confraria tem existência legal em Santa Clara sempre empenhada em manter o culto e afervorar a devoção com a Santa que tanto honrou o throno de Portugal e depois do fallecimento da ultima religiosa professa é da Real Confraria que exclusivamente e com grandes sacrificios tem mantido o culto divino no majestoso templo, que a piedade dos antepassados de Vossa Majestade ergueu em honra da Rainha Santa”.⁷

⁶ Copiador de correspondência da Real Confraria da Rainha Santa Isabel, liv.2 – fl.31^v-32^r.

⁷ Cf. Copiador de correspondência da Real Confraria da Rainha Santa Isabel, liv.3 – fl.28^v-29^r.

Na sua argumentação retoma os considerandos do Doutor Vasconcelos:

Na casa do hospício habita sempre o capellão do convento, que o era cumulativamente da confraria, e alli continua habitando o nosso capellão privativo, incumbido do serviço religioso da igreja, da arrecadação das esmolos, e guarda das alfaias do culto divino. Se não pudéssemos continuar a dar habitação ao capellão, não se poderia recorrer às necessidades da manutenção do culto divino, vista a distancia a que a igreja está da cidade e os minguados recursos da Confraria. Na casa das hospedarias tem a Real Confraria a sua casa de sessões, onde se reúne a Mesa e funcionam as Assemblêas geraes da Confraria; tem o seu archivo que encerra importantes e valiosos documentos; tem as suas alfaias; e tem em deposito numerosíssimos objectos que servem para a ornamentação das ruas durante as festas biennaes que tantos forasteiros chamam a Coimbra, com grandes vantagens para toda a cidade. Se a posse em que a Real Confraria está dessa casa não fosse confirmada, difficil seria encontrar onde accomodar esses objectos, cuja deterioração importaria talvez a impossibilidade de se realizarem os festejos que a cidade de Coimbra não veria sem grande pezar que cessavam.⁸

Renova a preocupação social do seu antecessor desejando instalar na chamada “casa do corredor” uma aula de instrução primária para os filhos dos empregados fabris do bairro do Mosteiro. É curioso como se conjuga aqui o movimento social católico com a imitação da acção caritativa da Rainha Santa.

No mesmo dia, faz seguir uma carta para o sempre prestável Conselheiro Francisco de Castro Mattoso da Silva Corte-Real, solicitando a sua influência junto do Ministro da Fazenda.

A 6 de Julho de 1897, o Doutor Sousa Gomes agradece ao Dr. Castro Mattoso o êxito das suas diligências, ao confirmar que acabou de receber da repartição da fazenda do distrito de Coimbra a posse das casas da Hospedaria, do Hospício e do Corredor. Estava consumada a luta pela propriedade desses edifícios. Nelas se instalou depois uma casa de saúde, tendo sido arrendadas para o efeito a um grupo de Médicos.

Nesse mesmo ano, a igreja do Mosteiro é entregue, por decreto, à Associação Auxiliadora das Missões Ultramarinas, que já estava na posse da zona Norte do Mosteiro. O Doutor Sousa Gomes reage e solicita a Sua Majestade que a posse seja partilhada com a Confraria, uma vez que, desde a morte da última

⁸ *Idem, Ibidem.*

religiosa, o culto praticado na Igreja estava confiado à Confraria. Em Maio de 1898, esta situação é rectificada com a assinatura de um decreto que concede à Real Confraria a igreja em comum com a Associação das Missões Ultramarinas, graças, mais uma vez, à intervenção eficiente do Conselheiro Castro Mattoso.

Mas voltemos ao ano de 1892. A luta pela posse do mosteiro, anexos e objectos pertencentes ao culto da Rainha Santa prossegue simultaneamente com os preparativos das festas desse ano, das mais faustosas e solenes que até então se realizaram e que irão ter uma forte projecção nacional. Além de garantir a presença da família real (do Rei D. Carlos, da rainha D. Amélia e do príncipe real), a Mesa consegue preços especiais nos bilhetes de comboio para os forasteiros oriundos das mais recônditas zonas do Reino servidas por linhas de caminhos-de-ferro, investe num programa variado e atraente de festejos, com materiais inovadores, promove a ornamentação das ruas, pede 100 opas emprestadas à Irmandade de N. S. do Carmo de Braga e edita folhetos com novenas e oitavários da Rainha Santa Isabel bem como uma História Popular da mesma Santa Rainha. O Presidente obtém ainda autorização do Bispo-Conde para se expor à veneração dos fiéis o túmulo onde se acha encerrado o sagrado corpo da Rainha Santa Isabel, nessa altura situado no Coro Alto. A larga repercussão que as festividades alcançaram em todo o País projectaram definitivamente o culto à Rainha Santa para patamares nacionais jamais alcançados desde o séc. XVI. São adquiridas novas alfaias de valor, de prata e de seda, que eram muito necessárias para as procissões.

O balanço desta administração é feito da seguinte maneira pelo Doutor Vasconcelos:

Foi uma gerência de grande dispêndio de actividade, de grandes preocupações, em que a Mesa teve de estar numa luta constante, sem tréguas, sem descanso, luta de defesa, conseguindo inutilizar os trabalhos de inimigos industriosos, e ainda alcançando obter alguns benefícios positivos: mas não se fez, nem se podia fazer, trabalho de reconstrução, de reorganização. Era cedo para isso.

Manteve-se a situação; guardou-se a posição adquirida, na praça desmantelada e em ruínas; depois de assegurada, reconhecida e respeitada a posse, seguir-se-ia então o novo trabalho reconstrutivo.⁹

⁹ António de Vasconcelos, "Doutor Francisco José de Sousa Gomes. A sua benemerência na administração da Confraria da Rainha-Santa Isabel" *Estudos* 9 (1931) 453-479.

Esse trabalho ficou a cargo do Doutor Sousa Gomes. No Domingo 4 de Junho de 1893 era eleito Presidente da Mesa da Confraria, dando início a cinco biénios que iriam marcar decisivamente o futuro desta antiga instituição. Era necessário organizar e regularizar os serviços do culto, de guarda, limpeza e conservação do templo, assumidos pela Confraria, apesar da falta de recursos. Urgia igualmente obter receitas próprias.

Se a Universidade assumia, a expensas suas, a festa de Julho e o Mosteiro assumia, à sua custa, as da Trasladação em Outubro, agora competia exclusivamente à Confraria assumir a organização das duas festas, sem auxílio de ninguém. Durante todo o resto do ano, a igreja, embora limpa e cuidada, estava sempre deserta, porque em 1860 as freiras haviam removido o túmulo do Altar-Mor para o Coro Alto, aonde ninguém podia ir¹⁰. O Capelão cantava a sua Missa quotidiana, geralmente sem qualquer assistência.

Ora, os exercícios de piedade e a prática religiosa constituíam outra das grandes preocupações do Doutor Sousa Gomes. Nessa missão de atrair à igreja os devotos da Rainha Santa teve o prestimoso auxílio do seu capelão, conforme se pode ler no atestado que lhe passou quando este deixou estas funções:

“Attesto que o Rev^o José Fructuoso da Costa há três annos que esta incumbido do serviço de capellão da Real Confraria, e durante eles não só tem desempenhado com inexcédível zêlo as obrigações da Capellania, mas ainda tem ido muito alem da sua obrigação, auxiliando por todos os modos a Real Associação das Missões, depois que esta benemerita associação instalou no edificio do extincto convento de Santa Clara as irmãs missionarias de S. José de Cluny¹¹ e promovendo o desenvolvimento do culto e das praticas de piedade entre o povo do bairro de Santa Clara, que com muito prazer o affirmo, voltou a conhecer o caminho do templo e das praticas religiosas. Mais declaro que esta opinião é a dos meus colegas de mêsda da Real Confraria, em cujo nome posso falar. E se for necessário juro pelos meus graus.

Coimbra, 12 de Março de 1899.¹²

¹⁰ Esta situação foi alterada apenas em 1912.

¹¹ A pedido do Bispo-Conde D. Manuel de Bastos Pina, que pretendia criar no Mosteiro um instituto feminino de preparação para as Missões religiosas, a Associação das Missões Ultramarinas instalara no Mosteiro as irmãs missionárias de S. José de Cluny. Afastava-se, assim, o perigo da venda a particulares dos edificios e cercas ou da sua transformação em quartel.

¹² Copiador de correspondência da Real Confraria da Rainha Santa Isabel, liv.3 – fl.47^r.

Sousa Gomes e o Capelão combinam instituir na igreja a devoção do Terço e a Benção do Santíssimo, em todas as tardes dominicais. Inicialmente não ultrapassavam uma dúzia de pessoas, onde se incluíam os familiares do Doutor Sousa Gomes e os Mesários da Confraria. Mas a persistência começou a dar frutos e a essas devoções acrescentou as do Mês de Maria e do Mês do Rosário.

Mais tarde, lembra-se de celebrar a Semana Santa com todas as solenidades. Perante a falta de músicos e de seminaristas, manda vir clérigos do Seminário Conciliar de Braga, pagando-lhes as viagens e hospedando-os na casa contígua à do Capelão. Testemunha o Doutor Vasconcelos que:

... as funções diurnas da Semana-Santa, desde a Missa de Quinta-feira de Induções até à de Domingo de Páscoa, realizaram-se em bela música gregoriana, com solenidade, grande compostura e espírito de piedade, que impressionou a numerosa assistência. Recordo-me de que à cerimónia do *Lava-pedes*, que em Coimbra se não fazia em igreja nenhuma, nem sequer na Catedral, desde 1834, a afluência de fieis foi tal, que estando o templo apinhadíssimo, muitas e muitas pessoas tiveram de desistir de nele entrar.¹³

A participação nas festas da Rainha Santa ia crescendo. Acorriam devotos de todos os cantos do Reino. Sousa Gomes não achava que a imagem correspondesse à dignidade que a Santa Padroeira de Coimbra merecia. Recordemos o que nos diz quem melhor conhecia os meandros da festa:

A Imagem da Rainha-Santa, que era levada nas procissões por ocasião das solenidades, não estava à altura da função religiosa que desempenhava. Escultura grosseira e tosca, exhibia-se numa inestética padiola, que servia de andor, e na qual ia também uma figura de pobre ajoelhado, de costas para a frente, num ridículo movimento de recuo, quando o andor avançava.¹⁴

Para não correr o risco de ferir as susceptibilidades do povo, Sousa Gomes introduz alterações de forma gradual. Primeiro manda esculpir e dourar no Porto um belo andor de talha. Nas procissões de 1894, coloca a imagem antiga sobre o novo andor, mas retira o pobre. A beleza do novo andor logo fez esquecer a ausência do pobre.

¹³ António de Vasconcelos, "Doutor Francisco José de Sousa Gomes. A sua benemerência na administração da Confraria da Rainha-Santa Isabel" *Estudos* 9 (1931) 453-479.

¹⁴ *Idem, Ibidem.*

Entretanto, transpira para os jornais a verdadeira intenção do Presidente da Mesa: a de substituir a imagem da Rainha Santa por outra mais digna. A notícia chega ao conhecimento da Rainha D. Amélia, que, numa carta ao Bispo-Conde, em Junho de 1894, faz saber o seguinte:

Reverendíssimo Bispo-Conde.

Ontem, quando lhe escrevi, esqueci-me duma cousa, que tinha vontade, e mesmo necessidade, de lhe dizer. É a respeito da Imagem da Rainha Santa, que prometi dar, já vão dois anos...

Vi num jornal que a Irmandade da Rainha Santa quer mandar fazer uma Imagem. Pedia ao Bispo-Conde o favor de dizer àquela Irmandade qual minha promessa e intenção, para evitar-lhe esta despesa, e deixar-me a honra de mostrar um pouco a minha devoção à Rainha-Santa.¹⁵

A Rainha Dona Amélia encarregou Teixeira Lopes da execução da estátua que viria a ser benzida pelo Bispo-Conde e inaugurada nas festas de 1896.

É, pois, à acção do Doutor Sousa Gomes que devemos esta maravilha artística, de singular beleza e que muito veio enriquecer e nobilitar o culto à Rainha Santa.

A ele se deve igualmente o embelezamento do adro da igreja, que era fechado do lado de Coimbra por um muro com mais de 3 metros de altura. Importava demolir o muro para se poder gozar o lindíssimo e incomparável panorama sobre a cidade. Às despesas acudiu o Bispo-Conde que custeou toda a obra. Ajudas particulares permitiram transformar o largo num belíssimo jardim.

Estes trabalhos contribuíram para uma maior afluência de público às obras piedosas que Sousa Gomes organizava nas tardes dominicais.

Conseguiu ainda o prolongamento da canalização do gás que alimentava os candeeiros da iluminação pública pela ladeira acima até ao alto de Santa Clara, incluindo a própria igreja e anexos.

O Doutor Sousa Gomes valorizava e defendia o património cultural e artístico da instituição. Fundou um museu de alfaias religiosas, baseando-se no rico espólio litúrgico do extinto Convento, cedido à Confraria pelo Governo, graças, uma vez mais, às diligências do Conselheiro Castro Matoso. Infelizmente grande parte dos paramentos foi confiada à guarda e cuidado das Religiosas

¹⁵ *Cartas de Sua Majestade a Rainha Senhora D. Amélia a D. Manuel de Bastos Pina, bispo conde de Coimbra*. Lisboa, 1948, p. 31.

missionárias, que no convento os guardavam e reparavam, tendo-se perdido completamente quando o colégio das Missões foi extinto, em 1910.

Na mesma reunião de 14 de Fevereiro 1894, em que se decide contratar ao entalhador Estrela para a execução do novo andor, o presidente informa a Mesa de que, por diligências suas e do Doutor Vasconcelos, a polícia apreendeu um livro intitulado “Lenda da Rainha Santa”, manuscrito, pertencente à Confraria da Rainha Santa e extraviado há mais de 20 anos. Esse livro chegou a ser-lhe entregue, mas dias depois foi reclamado pelo Governador Civil por ordem do Senhor Ministro do Reino. Logo envia um extenso ofício ao Governador Civil demonstrando, com argumentos históricos, que o livro pertencia à Confraria, pelo que reclamava a sua restituição. A obra em causa é o “Livro que fala da boa vida que fez a Rainha de Portugal, Dona Isabel, de seus bons feitos e milagres em sua vida e depois da morte”.¹⁶ Mas nada mais se sabe senão que actualmente se encontra depositado no Museu Machado de Castro.

Em 1898, já depois de D. Manuel Correia de Bastos Pina ter criado o museu da Sé Catedral, reunindo aí, contra a vontade dos Mesários¹⁷, alguns dos mais preciosos tesouros da Confraria, o Doutor Sousa Gomes não hesitava em pedir ao Bispo-Conde de Coimbra que ordenasse ao tesoureiro do museu da Sé Catedral que entregasse ao tesoureiro da Real Confraria o cálice que pertenceu ao Convento de Santa Clara¹⁸, para servir na missa da festa na igreja de Santa Cruz, antes da procissão de regresso, bem como o colar “chamado da Rainha Santa, para ser conduzido por um anjo em frente do andor, como é costume antigo”¹⁹.

Mais tarde, em Julho de 1935, pouco depois de ter tomado posse como Presidente da Confraria, D. António Antunes, Bispo Coadjutor de Coimbra, em nova exposição ao Ministro da Instrução Pública, acrescenta que o colar era exposto sobre o altar da igreja do Mosteiro por ocasião das festas e, em algumas destas festas, era “solenemente levado na procissão, ou dado a beijar aos fieis depois dos Pontificais ou das Missas solenes da Santa Rainha”²⁰.

¹⁶ Copiador de correspondência da Real Confraria da Rainha Santa Isabel, liv.2 – fl.71^v-72^v.

¹⁷ Num memorial redigido em 1935 e remetido ao Ministro da Instrução, com cópia ao Presidente do Conselho, os Mesários afirmam que “a Confraria opôs bastante resistência [...] mas cedeu perante as instâncias reiteradas do Bispo-Conde” (cf. Copiador de correspondência da Confraria da Rainha Santa Isabel, liv.3 – fl.144^v-146^f).

¹⁸ Trata-se do cálice oferecido por D. Manuel para o culto à Rainha Santa.

¹⁹ Carta com data de 4 de Julho de 1898.

²⁰ Copiador de correspondência da Confraria da Rainha Santa Isabel, liv.3 – fl.147^f.

HOMENAGEM AO PROF. DOUTOR FRANCISCO JOSÉ DE SOUSA GOMES

8.º quanto à consideração final do officio, a que tenho a honra de estar respondendo, julgo do meu dever informar a Sua Ex.ª o Ministro e a V. Ex.ª, de que a sugestão, a que nele há referência, não tem razão alguma de ser. O objecto a que se allude, que foi realmente do uso da Rainha Santa, está devidamente considerado e perfeitamente estudado há muitos anos. Porque a Confraria sabe que elle merece registo especial, mandou-o fotografar, e publicou-o em fototipia na obra em dois volumes, que editou em 1894; e em 1929 tornou do domínio publico um Album recordatório da Rainha Santa Isabel, no qual uma estampa magnífica, a número XVII, reproduz com a máxima nitidez esse objecto. Dêste Album juntou-se, como documento, à referida petição ou representação, um exemplar, que certamente V. Ex.ª aí tem anexo a ella. Ali se vêem todos os objectos pedidos pela Confraria, assim como os que estavam anteriormente já confiados.

A esse objecto chama com razão o officio, a que estou respondendo, uma autêntica Reliquia de Santa Isabel. Como Reliquia da nossa Padroeira celeste, é elle exposto ao culto sobre o altar, nesta nossa igreja, por occasião das festas, há 323 anos, e em algumas destas festas é solenemente levado na procissão, ou dado a beijar aos fieis depois dos Pontificais ou das Missas solenes da Santa Rainha.

Eis o que se me oferece responder, como informação, ao officio de V. Ex.ª.

A BEM DA NAÇÃO.

Coimbra, 15 de Julho de 1935.

O Presidente,

(a.) António, Bispo Coadjutor de Coimbra.

Copiador de correspondência da CRSI, liv.3 - fl.147

Perante a insistência do tesoureiro do museu da Sé em oferecer ao dito os brincos de N.S. da Conceição, do colar da Rainha Santa e de paramentos dispensáveis, o Doutor Sousa Gomes responde da seguinte forma em missiva datada de 24 de Março de 1899:

Cumpre-me informar a V. Ex^a, depois de ouvida a mesa da minha presidencia, de que a esta nenhuma objecção ou reparo se oferece a que sejam entregues ao Mto. Revmo. Senhor Bispo Conde os brincos chamados de Nossa Senhora da Conceição, e o collar chamado da Rainha Santa. Este ultimo já ha muito tempo se acha em poder de S. Ex^a Rev.ma no Museu da Sé, donde S. Ex^a Rev.ma tem feio o obsequio de o deixar sair no dia da procissão solemne da Rainha Santa para ser nella conduzido adiante do andor, como é costume immemorial.

Quanto aos objectos de culto dispensáveis para o culto na igreja de Santa Clara, lembro a V. Ex^a que o culto é alli feito, como V. Ex^a pessoalmente tem observado com toda a solemnidade; que alli vae em 3 e 4 de julho a Universidade encorporada fazer a festa da Rainha Santa, e o Rev^o Cabido a da Transladação em 29 de outubro; e que ás festas biennaes feitas pela Real Confraria assistem todas as auctoridades da cidade.

Para manter o culto á altura de que é tradicional na igreja do Real Mosteiro de Santa Clara, não podemos dispensar os paramentos bons; e ainda temos de pedir na occasião das festas um calix rico, que se acha em deposito no museu da Sé, visto não possuirmos em Santa Clara senão calixes de pouco valor. E desses mesmos não ha número bastante para servirem aos tres dias das festas nos quaes se celebram muitas dezenas de missas, sendo necessario pedir alguns emprestados.

Por isso o que poderia dispensar-se seriam algumas casúlas, e seus pertences principalmente brancas, talvez umas 6 ou 8, que pelo seu estado não podem já servir.

Mas estas mesmas lembrámos a V. Ex^a a conveniencia de nos não serem tiradas, porque no fim de alguns annos ver-nos-hemos obrigados a pedir licença de as utilizar em concertos d'outros paramentos, porque a Real Confraria não tem rendimentos, e não poderá fazer como as freiras nos seus tempos de riqueza, por de parte os paramentos velhos, e comprarem outros novos para uso diario. Pelo contrario terá de fazer como as familias pobres, que remendam o seu panno para durar mais um anno.²¹

O Doutor Sousa Gomes demonstrou sempre uma profunda devoção à Virgem Imaculada. Promovia e participava publicamente em todos os actos que honravam a

²¹ Copiador de correspondência da CRSI, liv.3 – fl.47^v-48^r.

HOMENAGEM AO PROF. DOUTOR FRANCISCO JOSÉ DE SOUSA GOMES

Imaculada Mãe de Deus. Organizou peregrinações a Lurdes, para as quais editou um manual do peregrino, proferiu conferências sobre o Dogma da Imaculada Conceição, impulsionou em Braga as celebrações do quinquagésimo aniversário da definição do Dogma. Em qualquer igreja, rezava em voz alta o terço, ajoelhado no meio do povo, que, comovido e edificado com tão bom exemplo, comentava: “Quando um lente de Coimbra assim faz, o que devemos nós fazer também?”

A devoção à Imaculada Conceição, enquanto padroeira da Universidade, estava arraigada à sua condição de lente. Por outro lado, a santa esposa do rei fundador da Universidade fora uma das grandes promotoras do culto à Imaculada Conceição, pelo que a devoção à Virgem Imaculada era inerente à condição de devoto da Rainha Santa. Enquanto patriota e monárquico, a Imaculada Conceição perspectivava-se como Padroeira de Portugal. Duas Rainhas de Portugal, ambas padroeiras da nossa nação. Assim se complementava a profunda devoção de Sousa Gomes à Imaculada Mãe de Deus e a Santa Isabel. A definição do Dogma e as aparições em Lurdes vieram intensificar o fervor da sua devoção mariana.

Não admira, pois, que o CADC, na esteira do seu grande mentor, tenha abraçado, logo desde os seus primórdios, o mesmo amor e devoção à Virgem Imaculada.



Adro da igreja da Rainha Santa Isabel em 1905, com o monumento à Imaculada Conceição da autoria de José Joaquim Teixeira Lopes.

Depois de Sousa Gomes mandar abater o muro do largo da igreja, libertando esta da barreira que ocultava até então as belas vistas sobre Coimbra que hoje podemos contemplar, D. Manuel de Bastos Pina achou “que, pela sua posição elevada e fronteira à cidade se acha em tão bella situação, que [...] escolheu para n’elle erigir um Monumento em honra da Immaculada Conceição de Maria” em 1905. O modelo que lhe serviu de base foi claramente o de Nossa Senhora de Lurdes, como se pode comprovar, pois essa imagem, da autoria de Teixeira Lopes, Pai, encontra-se actualmente no centro dos Claustros do Mosteiro. Mas é difícil imaginar que o Doutor Sousa Gomes não tenha estado na origem desta ideia, ainda que já não presidisse aos destinos da Confraria.

No seu multifacetado ardor apostólico ao serviço da Confraria, o Doutor Sousa Gomes deixou-nos a todos um exemplo das mais variadas formas de como devemos pôr os talentos, que Deus nos confiou, ao serviço da Igreja. É essa responsabilidade que pesa sobre qualquer dirigente da Confraria e é no seu exemplo que todos nós, Confrades e Irmãos, devemos colocar os olhos.

D. Augusto Eduardo Nunes relembra o auto-retrato do Doutor Sousa Gomes nas qualidades que ele próprio recomendou aos sócios do círculo católico do Porto: “É preciso ser-se católico, mas para cumprir todos os deveres da Religião, individuais, familiares e sociais, grandes e pequenos; e cumpri-los com o espírito de verdade, de justiça e de caridade que é a própria essência do Cristianismo”.

São estes os princípios que nortearam o exemplo de vida que o Doutor Sousa Gomes nos legou.

António Manuel Ribeiro Rebelo

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH) da
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra